

Mulheres na cirurgia buco-maxilo-facial no Brasil: motivos de escolha, dificuldades encontradas e características do exercício da especialidade

Women in oral and maxillofacial surgery in Brazil: reasons for the choice, difficulties encountered and practice characteristics

Nália Cecília GURGEL-JUAREZ ¹

Sandra de Cássia Santana SARDINHA ²

Gláucia Maria Bovi AMBROSANO ³

Roger William Fernandes MOREIRA ⁴

Márcio de MORAES ⁴

RESUMO

Objetivos: Avaliar a participação feminina nesta especialidade, uma vez que no Brasil, a população feminina na área de Odontologia vem crescendo nos últimos anos. Entretanto, a procura por Cirurgia e Traumatologia Buco-Maxilo-Facial entre as mulheres é pequena.

Métodos: Foram enviados questionários a profissionais do gênero feminino na área de odontologia inscritas em 2001 no Colégio Brasileiro de Cirurgia e Traumatologia Buco-Maxilo-Facial por meio dos quais se analisou a atuação feminina na especialidade. A análise estatística foi realizada através do teste Exato de Fisher ($\alpha=0,05$).

Resultados e Conclusão: Observou-se que a afinidade pela área de Buco-Maxilo Facial é a causa da escolha pela maioria das professoras do gênero feminino; houve influência do fato de possuírem filhos em relação às horas trabalhadas; e há diferenças entre as opiniões dessas profissionais das diversas regiões brasileiras quanto às oportunidades de ascensão na carreira.

Termos de indexação: cirurgia maxilofacial; mulheres; escolha da profissão.

¹ Especialista em Implantodontia. Associação Brasileira de Odontologia, Belém, PA, Brasil.

² Fundação Bahiana para Desenvolvimento das Ciências. Rua Silveira Martins, 3386, Cabula, 41150-100, Salvador, BA, Brasil. Correspondência para /
Correspondence to: S.C.S. Sardinha.

³ Departamento de Odontologia Social, Faculdade de Odontologia, Universidade Estadual de Campinas. Piracicaba, SP, Brasil.

⁴ Departamento Diagnóstico Oral, Faculdade de Odontologia, Universidade Estadual de Campinas. Piracicaba, SP, Brasil.

ABSTRACT

Objectives: In Brazil, the percentage of women who decide to work in the area of Dentistry has been growing in the last years. However, the choice for Oral and Maxillofacial Surgery and Traumatology is still unusual. The aim of this paper is concerned with such data.

Methods: Questionnaires were sent to female surgeons enrolled at Colégio Brasileiro de Cirurgia e Traumatologia Buco-Maxilo-Facial, in 2001. For statistical analysis the Fisher's Exact Test ($\alpha=0,05$) was applied.

Results and Conclusion: It was observed that the affinity for the area is the reason why most women decide to be surgeons. Having children did not seem to play an important role when the number or working hours was concerned. Their answers about career opportunities proved to be very different in several Brazilian regions.

Indexing terms: oral and maxillofacial surgery; women; career choice.

INTRODUÇÃO

Durante séculos aceitou-se a regra de que curso de nível superior era uma condição estritamente masculina. Foi então que Lucy Beaman Hobbs, em 1866, do *Ohio College of Dental Surgery*, foi a primeira mulher no mundo a graduar-se em odontologia, “quebrando” a regra de que cirurgião-dentista é profissão apenas para homens. Logo, por todos os lugares, outras mulheres seguiram os primeiros exemplos, e as universidades e o mercado de trabalho foi se alterando. Com o tempo, passou-se a contestar essa linha de pensamento em todas as áreas de trabalho e, então, as mulheres conseguiram ter a chance de cursar uma universidade. Apesar da forte oposição masculina, a mulher tem alcançado sucesso em vários setores da sociedade^{1,2}.

É claro que muitos obstáculos tiveram de ser transpostos por aquelas que queriam seguir a carreira na Odontologia. Pressões, preconceitos e hostilidades foram sentidos por elas, não somente vindos da sociedade como também dos próprios colegas de profissão do gênero masculino³.

De acordo com Niessen *et al.*², depois do número de mulheres estudando odontologia ter diminuído finalmente por volta da década de 70 a quantidade de estudantes de Odontologia do gênero feminino aumentou, bem como o número delas na prática odontológica. Nos Estados Unidos da América, o número de profissionais dentistas do gênero feminino

aumentou de 1,2% em 1976 para 3% do total de cirurgiões-dentistas de ambos os gêneros em 1982.

Em relação à quantidade de cirurgiões-dentistas que atuam na prática odontológica e são inscritos no Conselho Federal de Odontologia (CFO)*, o Brasil se apresenta como um país que comporta um maior número de profissionais do gênero feminino na odontologia desde a década de 80. Segundo números do ano de 2001, em 1980 os cirurgiões-dentistas constituíam aproximadamente 46,35% do total de profissionais. Em 1990 este índice decaiu ainda mais: 44,06%. No ano de 2000, dos 7216 cirurgiões-dentistas apenas 4466, isto é, aproximadamente 38,22%, eram do gênero masculino, segundo o Conselho Federal de Odontologia. Dados mostram que o Brasil possui uma situação bastante interessante, já que as mulheres foram maioria nas décadas de 80, 90 e no ano de 2000³.

Com o aumento no número de mulheres estudantes e profissionais na área de odontologia, a procura por cursos de pós-graduação também cresceu, apesar da atuação feminina na clínica-geral ainda ser grande maioria⁴. Segundo Risser & Laskin⁴ e Laskin⁵, mesmo havendo diferença entre os números de especialistas de ambos os gêneros, as porcentagens de homens e mulheres candidatas a cursos de pós-graduação *lato sensu* são aproximadamente as mesmas, no entanto, as preferências por especialidades são distintas.

No trabalho de Risser & Laskin⁴, 55% dos alunos de Odontologia pretendiam se dedicar à clínica-geral e 87%

* Conselho Federal de Odontologia 2001. Comunicação pessoal.

das mulheres também planejavam o mesmo, mostrando que apenas duas mulheres pensavam em se especializar e ambas em ortodontia. Outra pesquisa que mostra a pequena porcentagem de especialistas é a de Niessen *et al.*², mostrando que, apesar das especialidades tornarem-se mais procuradas, ainda é grande o número de não-especialistas.

Esses dados revelam como é restrito o mercado de especialidades em Odontologia em outros países. No Brasil, a situação não é diferente. Segundo informações obtidas no Conselho Federal de Odontologia, o número de cirurgiões-dentistas especialistas no ano de 1980 foi de 461, crescendo para 708 no ano de 1990, e 2908 especialistas no ano de 2000. No entanto, estes números correspondem, respectivamente, a 10,2%, 14,72% e 24,89% (em média) do total de cirurgiões-dentistas de ambos os gêneros inscritos no CFO nos anos de 1980, 1990 e 2000.

Quando se compara o número de profissionais do gênero feminino especialistas em cirurgia com número de homens especialistas, percebe-se crescimento dos números femininos. Em 1980, as mulheres especialistas constituíam aproximadamente 37,74% do total de cirurgiões-dentistas especialistas, índice que passou para 55,44% do total de especialistas em 2000. Ainda que pequeno, os números femininos estão em progressivo aumento.

MÉTODOS

Foi obtida a lista com os nomes de todas as dentistas especialistas em cirurgia inscritas no Colégio Brasileiro de Cirurgia e Traumatologia Buco-Maxilo-Facial (CBCTBMF) em 2001. A essas 135 mulheres foram enviados, via correio, fax ou e-mail, questionários contendo 23 perguntas. As perguntas objetivaram o fornecimento de informações pessoais e profissionais.

Profissionais do gênero feminino, especialistas em cirurgia, de diferentes cidades e estados do Brasil tais como Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Roraima, Santa Catarina e São Paulo receberam o questionário. Foram estudadas as associações entre as questões por meio do teste Exato de Fisher ($\alpha=0,05$). O protocolo de aprovação no Comitê de ética em pesquisa da FOP-Unicamp foi o de número 066/2001.

RESULTADOS

Dos 135 questionários enviados as estas mulheres inscritas no CBCTBMF, 50 questionários retornaram completamente respondidos, o que equivale a 37% do total enviado. Conseguiu-se, desta maneira, pelo menos uma resposta proveniente de cada região geográfica brasileira (Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul).

A média de idade entre as mulheres que responderam à pesquisa foi de 36,1 anos, variando de 25 a 59 anos de idade. A maioria é casada representando 54%, enquanto que 38% são solteiras, 6% são divorciadas e apenas 2% são viúvas. Apesar de a maioria ser casada, 70% não possuem filhos; 30% têm no mínimo um filho, tendo concluído a graduação há 12,9 anos em média, variando de 2 anos a 36 anos a mais experiente. A grande maioria (96%) afirma não ter enfrentado obstáculos para entrar na faculdade e concluir a graduação por serem do gênero feminino, enquanto que 66% delas sentiram preconceito por parte dos homens ao escolher a Cirurgia e Traumatologia Buco-Maxilo-Facial como especialidade. Os tipos de formação obtidos por essas especialistas, estão na figura 1. A afinidade pela área foi, em 54% dos casos, o motivo da escolha pela especialidade.

Tipos de Formação da Cirurgiãs Buco-Maxilo-Faciais brasileiras

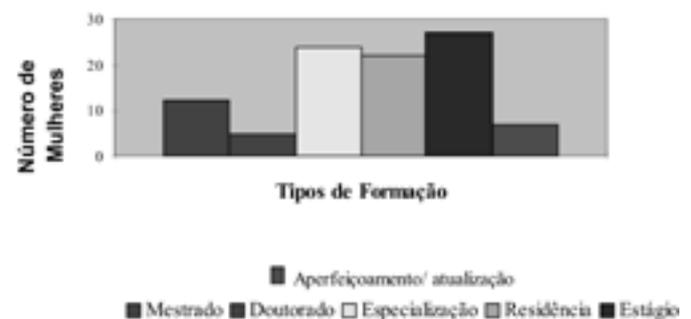


Figura 1. Tipos de formação das cirurgiãs buco-maxilo-faciais brasileiras.

Em relação ao mercado de trabalho, o tempo dispensado para atividades relacionadas à Odontologia variou entre cinco dias (32%) e seis dias (32%) por semana. Para a prática de Cirurgia e Traumatologia Buco-Maxilo-Facial, 26% dedicam cinco dias por semana, 10% dedicam seis dias e outras 10% trabalham sete dias por semana com atividades relacionadas à especialidade. Quanto às atividades docentes, 72% dessas especialistas que responderam à pesquisa não trabalham

em faculdades de Odontologia, e as demais (28%) exercem função de professora efetiva, professora colaboradora, pesquisadora ou possuem outros cargos dentro da Universidade. Isto mostra que grande parte desta população também exerce a clínica geral ou outra especialidade.

Não houve diferença significativa entre a carga semanal de trabalho com relação ao estado civil ($p=0,6210$). No entanto, a relação entre presença de filhos e horas de trabalho resultou em diferença significativa ($p=0,0243$): a maioria das mulheres que possuem filhos trabalha um período de 4 a 6h (40%) ou de 6 a 8h (46,7%) por dia.

Quando se analisou dificuldade de convivência familiar e social devido às demandas profissionais desta especialidade, não se observou diferença significativa entre as mulheres de diferentes estados civis ($p=0,1338$) e aquelas que apresentam ou não filhos ($p=0,4779$).

Em relação aos diferentes tipos de formação em Cirurgia e Traumatologia Buco-Maxilo-Facial e às horas diárias dispensadas à especialidade, o teste Exato de Fisher constatou que não houve diferença significativa ($p=0,1067$) entre as respostas dessas especialistas com título de mestrado e/ou doutorado, residência, especialização, estágio e/ou aperfeiçoamento/ atualização. Assim, todas atuam na mesma jornada semanal de trabalho, independentemente da formação obtida.

No que diz respeito às diferentes regiões brasileiras (Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul) em relação à atuação ou não em atividades docentes em faculdades de Odontologia, não houve diferença significativa entre as respostas obtidas ($p=0,3154$), ou seja, para todas as regiões a proporção de mulheres trabalhando em Universidade é a mesma. Da mesma forma, não houve diferença entre os resultados provenientes das diferentes regiões brasileiras com relação ao tempo dispensado, por dia, às atividades relativas à especialidade ($p=0,6329$), seja pelas profissionais com atividade docente em faculdades de odontologia ou em qualquer outra forma de atividade diária relacionada à Cirurgia e Traumatologia Buco-Maxilo-Facial ($p=0,1667$).

Por mais que tenham enfrentado dificuldades nas diversas regiões do país por serem do gênero feminino isto não influenciou no sucesso da carreira cirúrgica, não havendo, igualmente, diferença estatística ($p=0,1457$). Entretanto, quanto às respostas com relação à oportunidade para ascender na carreira, houve diferença significativa entre as regiões brasileiras ($p=0,0014$). A maioria dessas profissionais da área de cirurgia oriundas do Sudeste (46,8%) e Sul (57,1%) acredita que as oportunidades não são as mesmas para ascensão dentro da área para homens e mulheres, enquanto que para a única nortis-

ta que respondeu à pesquisa (de um total de cinco inscritas no CBCTBMF) e para 87,5% das nordestinas, as oportunidades são as mesmas para ambos os gêneros. A única resposta obtida do Centro-Oeste (das sete correspondências enviadas) afirma que somente às vezes essas oportunidades são iguais (Figura 2).

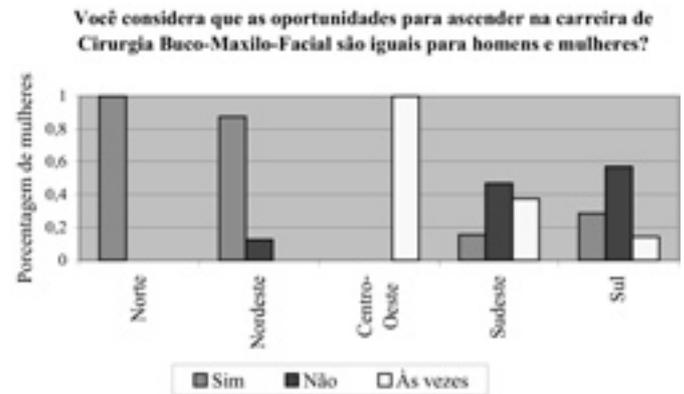


Figura 2. Comparação da oportunidade para ascensão na especialidade em relação ao gênero feminino ser igual ao masculino.

DISCUSSÃO

Trabalhos como os de Mmembe³, Risser & Laskin⁴, Laskin⁶, Keels *et al.*⁷, que utilizam questionários aguardando-se retorno de profissionais são de difícil realização. Nesta pesquisa foram enviados questionários via correio ou fax e, para as quais pudemos obter o e-mail. Assim, procurou-se facilitar o retorno dos dados da forma mais prática possível. No entanto, o índice de respostas obtidas foi de 37%. Mmembe³ mostrou em seu trabalho um retorno de 38%, enquanto que Risser & Laskin⁴ obtiveram em torno de 70% de respostas e Keels *et al.*⁷ obtiveram 74% de questionários respondidos.

No Brasil, o número de faculdades de Odontologia aumentou bastante nos últimos anos, o que resulta num maior contingente de profissionais. Com isso, a necessidade da busca de um diferencial no mercado de trabalho é de suma importância, e a escolha por áreas específicas com aperfeiçoamento e dedicação a uma especialidade pode destacar um profissional perante os outros. Aumentou o número de cursos de pós-graduação *lato sensu*, assim os Cirurgiões-Dentistas têm mais oportunidade de especialização. Como exemplo, no ano 2000, a Odontopediatria foi a área mais procurada da Odontologia entre as mulheres brasileiras⁴, correspondendo a 92,33% do total de especialistas nesta área.

A Cirurgia Buco-Maxilo-Facial no Brasil, assim como

nos Estados Unidos, não é a especialidade mais procurada por mulheres. De acordo com o Conselho Federal de Odontologia, dos 101 Cirurgiões Buco-Maxilo-Faciais brasileiros inscritos no CFO em 2000, apenas 20 (19,8%) eram do gênero feminino, perfazendo um total de, apenas, 1,24% do total das especialistas nessa área.

Quando perguntadas sobre o motivo que leva a essa diferença entre o número de profissionais dentistas Buco-Maxilo-Faciais do gênero masculino e feminino, as respostas apontam para a demanda de tempo durante a formação na área, a falta de tempo para vida social e cultural e a estereotipagem da especialidade como fatores determinantes para tal situação; resultados que estão de acordo com os encontrados por Risser & Laskin⁴.

Esta pesquisa realizada no Brasil trouxe um dado interessante quanto à presença de filhos e horas dispensadas ao trabalho com a especialidade. Observou-se que a maioria das mulheres (86,7%) que responderam à pesquisa e que têm pelo menos um filho (30%) do total das mulheres da pesquisa, trabalha de quatro a oito horas por dia, o que corresponde à carga horária que um brasileiro normalmente trabalha. Apesar de existirem países de culturas radicais como a Índia e o Irã, nos quais, segundo Mmembe³, é mais comum que a mulher desista da profissão devido às demandas sociais e culturais, o Brasil está entre as nações que não possuem tais diferenças e a maioria dessas especialistas brasileiras consegue lidar com as “obrigações da vida de casada”. Esta situação ocorre devido à necessidade do trabalho feminino fora de casa, pois a própria condição sócio-econômica brasileira impõe a participação feminina ou, em muitos casos, a responsabilidade total das mulheres pela economia familiar. Isso vem mudando a concepção sobre a estrutura da familiar há alguns anos. Outra provável explicação é a tendência que os países em desenvolvimento (como o Brasil) têm em empregar domésticas para auxiliar nas atividades do lar e cuidar de filhos, o que deixa mais tempo livre para as mulheres exercerem suas atividades profissionais³.

Devido à presença de uma maioria masculina na área de Cirurgia e Traumatologia Buco-Maxilo-Facial, as mulheres que responderam à pesquisa afirmam haver uma estereotipagem da especialidade, o que as leva a acreditar que isso influencia negativamente a escolha de algumas dentistas pela área. Este dado está de acordo com Laskin⁶ em sua pesquisa direcionada a estudantes de medicina, porém muitos deles podem ser estendidos para a Odontologia, talvez de uma maneira até

mais enfática. Quando o autor perguntou a estes alunos sobre a carreira de cirurgia, muitas mulheres responderam “isso não é para mim”. Por outro lado, os homens responderam a favor de alguma especialidade cirúrgica.

No entanto, a presente pesquisa mostra que essas profissionais escolheram a especialidade devido a afinidade, o gosto pela área, da mesma maneira que as respostas das residentes do trabalho de Risser & Laskin⁴. Os desafios e as situações mais diversas que a Cirurgia e Traumatologia Buco-Maxilo-Facial oferece, faz com que elas se sintam estimuladas a praticar as atividades da área. Quando perguntadas se as oportunidades de ascensão na carreira são as mesmas para homens e mulheres, comportaram-se diferentemente nas diversas regiões brasileiras. A única resposta proveniente do Norte do Brasil considera que as oportunidades são as mesmas independente do gênero, situação com a qual 87,5% das nordestinas concordam. A resposta advinda do Centro-Oeste afirma que nem sempre essas oportunidades se igualam. Mas, as residentes nas regiões Sudeste e Sul acreditam que as oportunidades para homens e mulheres ascenderem na profissão não são iguais. Este resultado foi bastante interessante tendo em vista que nas regiões mais desenvolvidas do país, onde estão concentrados os maiores pólos industriais e no qual se localiza o maior número de faculdades e, dentre elas, também as de maior renome, a resposta foi, por assim dizer, “mais pessimista” em relação à especialidade. No entanto, o grande desenvolvimento tecnológico e científico destes locais pode ser justamente a causa de tal pensamento. Estando em um local onde o mercado de trabalho está supersaturado, há um maior número de Cirurgiões Buco-Maxilo-Faciais, o que gera mais competição, e talvez devido a isso, as mulheres que moram nesta área encontrem maiores dificuldades para crescer na especialidade, situação que também pode ser verdadeira para os especialistas do gênero masculino.

Mesmo assim, 82% dessas recomendariam a especialidade para outras parcerias da área. O mesmo ocorre com o trabalho de Risser & Laskin⁴, no qual residentes afirmam estarem satisfeitas com a escolha e 75% delas indicariam a área Cirurgia e Traumatologia Buco-Maxilo-Facial.

Muitas pesquisas apontam que a falta de ter em quem se inspirar diminui o interesse das mulheres pela Cirurgia e Traumatologia Buco-Maxilo-Facial^{2,5,6,7}. Nesta pesquisa, em 32% das respostas recebidas, há alusão à falta de exemplos femininos na área. Laskin⁵ afirmou que há necessidade de um esforço para recrutar mais mulheres para ocupar posições aca-

dêmicas, pois as mudanças ocorrerão vagarosamente e, com os poucos exemplos, menos mulheres irão se entusiasmar a seguir a carreira.

Para Tillman⁸, dentistas do gênero feminino especialistas nessa área e que estejam mais estabilizadas devem ajudar estudantes de Odontologia a atingirem seus objetivos, devem encorajar suas colegas de profissão a participarem das associações de dentistas, assim o número de membros do gênero feminino aumentará e elas terão mais presença na área. Na Cirurgia e Traumatologia Buco-Maxilo-Facial, as mulheres que já estejam envolvidas na área, de acordo com Risser & Laskin⁴, deveriam se oferecer para orientar estagiárias, estimular estudantes a considerarem a especialidade na hora da escolha e deveriam se envolver mais nas organizações profissionais.

A participação de mulheres nas associações odontológicas está mais ativa e elas têm ocupado posições de liderança, o mercado de trabalho odontológico também mostra a presença feminina, bem como as universidades e as especialidades. Enfim, atualmente, há um maior contingente profissional feminino na área da Odontologia apresentando-se como modelos que podem vir a entusiasmar e despertar interesse pelas diferentes especialidades.

Há necessidade de realizarem-se mais pesquisas sobre este assunto a fim de se obterem mais informações sobre a atuação da mulher brasileira na Cirurgia e Traumatologia

Buco-Maxilo-Facial. Esta área é tradicionalmente dominada por homens, porém se cada vez mais exemplos forem criados e então seguidos, o estereótipo da especialidade irá desaparecer gradualmente. Assim como o trabalho de Risser & Laskin⁴, o qual enfatiza que as mulheres não precisam de atenção especial, e sim, de igual tratamento.

CONCLUSÃO

A maior porcentagem das mulheres (54% das respostas) escolheu a Cirurgia e Traumatologia Buco-Maxilo-Facial como especialidade por ter afinidade e por gostar da área.

O estado civil e presença ou não de filhos não foram fatores determinantes no tempo dispensado às atividades relacionadas à área.

Houve diferenças de opiniões das profissionais das diversas regiões brasileiras quanto às oportunidades de ascensão na carreira e especialmente para a região sudeste e sul o que pode refletir a saturação do mercado, demanda de tempo durante a formação, falta de tempo para a vida social e cultural e estereotipagem da especialidade são os principais motivos para haver um restrito número de profissionais especialistas na área Buco-Maxilo-Facial.

REFERÊNCIAS

1. Ahlberg K. The careers of women dentists in the university. *Int Dent J.* 1990; 40(3): 135-8.
2. Niessen LC, Kleinman DV, Wilson AA. Practice characteristics of women dentists. *J Am Dent Assoc.* 1986; 113: 883-8.
3. Mmembe CK. A look at the careers of women dentists in developing countries. *Int Dent J.* 1990; 40(3): 145-8.
4. Risser MJ, Laskin DM. Women in oral maxillofacial surgery: factors affecting career choices, attitudes, and practice characteristics. *J Oral Maxillofac Surg.* 1996; 54(6): 753-7.
5. Laskin DM. The glass ceiling of oral and maxillofacial surgery. *J Oral Maxillofac Surg.* 1993; 51(3): 225.
6. Laskin DM. Closing the gender gap. *J Oral Maxillofac Surg.* 2001; 59(2): 127.
7. Keels MA, Kaste LM, Weintraub JA, Kleinman DV, Verrusio AC, Neidle EA. A national survey of women dentists. *J Am Dent Assoc.* 1991; 122(12): 31-3, 36-7, 40-1.
8. Tillman RS. Women dentists at work: Views from the glass ceiling. *J Dent Educ.* 1992; 56(8): 569-70.

Recebido em: 16/11/2006
Aprovado em: 01/02/2007